

GIOBELLINA BRUMANA, Fernando. *La metáfora rota*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 1997.

Por, *Laura Pérez Gil*,
PPGAS-UFSC

Esta obra de Giobellina é marcada por uma heterogeneidade temática e metodológica. De um lado, porque se trata de uma compilação de artigos, escritos em momentos diferentes, e não de um livro concebido desde a sua origem de forma unitária. De outro, porque é o resultado de duas pesquisas, uma sobre Umbanda e outra sobre Candomblé. Cada um dos oito capítulos se refere a um aspecto da religiosidade popular brasileira: a terapia da “desobsessão” na Umbanda; a figura do “caboclo”; a relação entre violência urbana e violência mística; as comidas de santo no Candomblé; a possessão; a eficácia simbólica. Encontramos a mesma diversidade nas metodologias utilizadas: análises de discurso, estudos de caso, abordagens teóricas de amplo alcance.

É a perspectiva teórica do autor que dota o livro de unidade: a interpretação última dos fenômenos culturais se baseia na idéia, tomada de Lévi-Strauss, de que a religião é um sistema conceptual que ordena e dá sentido ao mundo, privilegiando assim o simbólico frente a outro tipo de explicação. Este princípio, lembrando aqui de forma geral e abstrata, se concretiza de maneiras distintas nos trabalhos de Giobellina.

O capítulo que abre o livro fornece uma visão geral, embora sucinta, do pluralismo místico característico da sociedade brasileira, apontando para alguns dos aspectos significativos do Candomblé, da Umbanda, do Espiritismo e do Pentecostalismo. Ainda que os capítulos restantes tratem, na sua maioria, de questões pontuais de uma ou de outra destas religiões, freqüentemente o autor os situa e analisa em relação aos outros cultos, numa perspectiva global e dinâmica, e mostrando que, se cada uma destas religiões possui elementos diacríticos que as definem e as diferenciam das outras, as fronteiras, no entanto, são fluidas, e esta característica é fundamental para se entender não apenas o funcionamento do sistema constituído por todos estes cultos, mas também cada um deles em particular. O exame dos pontos em que cada uma destas religiões apresenta diferenças que a separa das demais, e dos mecanismos utilizados para tal, mostra-se frutífero, já que desvela tanto a maneira como cada culto concebe seu outro - isto é, cada uma das outras religiões com as quais concorre no “mercado religioso” - quanto a forma pela qual se configura e define a si mesmo. Esta constituição de fronteiras por meio do jogo entre alteridade e identidade é evidenciado por Giobellina de formas diversas: ora é mostrada através da análise do discurso dos informantes; ora se reflete ao examinar certos aspectos do culto (no caso, as comidas de santo no Candomblé) como sistemas classificatórios, isto é, como lógicas que operam separando conjuntos que se definem enquanto diferentes entre si.

Uma das atividades mais destacadas e relevantes que desenvolvem estas religiões é a cura, e é à sua análise que o autor dedica vários dos artigos, quicá os mais representativos do livro. Considera, seguindo de perto os passos dados por Lévi-Strauss, que a doença implica uma desordem, um conflito, e a ação do agente místico atua reorganizando essa desordem, isto é, administrando sentido a este aspecto da vida do paciente que está deficitária dele. O resultado da ação apenas é possível porque curador e paciente compartilham um mesmo marco conceptual, anterior a eles, no qual o agente inscreve a história do doente, isto é, faz com que ela ganhe sentido.

Mas não é exclusivamente este dotar de sentido o que faz a cura mística eficaz; o autor enfrenta no último capítulo um difícil empreendimento, tentando desenvolver a teoria do antropólogo francês e abordando uma das críticas freqüentemente feitas ao seu trabalho sobre a eficácia simbólica: como é possível que se efetue a cura tal qual Lévi-Strauss a explica, com a palavra como principal veículo e instrumento do xamã, se geralmente as ações realizadas durante o tratamento, em especial as palavras proferidas, raramente são compreendidas ou nem sequer são ouvidas pelo paciente? Onde radica, portanto, o poder do agente místico?

Para responder esta questão, Giobellina aponta o fato de que, precisamente, há alguma coisa desconhecida, misteriosa, oculta - daí a "metáfora rota" - para o paciente na atuação do xamã, e este mistério se refere às forças ocultas que ele é capaz de manejar. Enfim, a sua proposta, que abre e sugere novas vias para o estudo desta problemática, é que a incompreensibilidade da narração se torna imprescindível, está na base da eficácia da cura. Além disto, resulta interessante a forma como o autor explora a relação entre psicanálise e xamanismo, contrapondo as ações que cada uma destas terapias realiza: se no primeiro caso o objetivo do psicólogo é desfazer a ação simbólica do mito cortando desta forma seus efeitos somáticos sobre o paciente, o xamã, pelo contrário, utiliza o mito não para desfazer mas para produzir um efeito através do símbolo sobre o corpo, reestruturando assim a desordem produzida pela doença.

A relação entre simbólico e o somático é também abordada a respeito da possessão como elemento fundamental das religiões tratadas, que o autor denomina "religiões corpo-a-corpo". O corpo é visto como o locus onde o sentido se inscreve e se manifesta, ora em forma de doença - reflexo e consequência das relações emocionais, sociais ou com o sobrenatural -, ora como instrumento de encenação de conteúdos semânticos e valores materializados nas figuras místicas destes cultos (entidades espirituais, guias, orixás), agentes da possessão. Frente às explicações psicológicas e àquelas que sublinham a sua função social, o autor privilegia uma interpretação que considera a possessão como a forma que estas religiões, em contraste com outras, têm de exprimir as suas concepções sobre a realidade, e situa esta particularidade em relação à marginalidade dos cultos de possessão enquanto fenômeno desenvolvido fundamentalmente nas classes menos privilegiadas da sociedade brasileira. Assim, o corpo constitui o instrumento através do qual dão sentido ao mundo.